O ensino da resenha crítica

Ana Maria Junqueira Fabrino

Invited Paper
Doutora em Letras - Universidade de São Paulo – USP
Professora de Filosofia e Produção Textual no Colégio Santa Clara, São Paulo
anafabrino@terra.com.br

Resumo: A resenha crítica apresenta uma heterogeneidade composicional, dada pela diversidade de tipos linguísticos (Bronckart, 2003), entre eles, o argumentativo, que, quando trabalhado no ensino médio, permite abordar aspectos próprios da escrita argumentativa, contribuindo para o acesso a formas consagradas desse saber-fazer, baseando-se na modalidade escrita que permite a difusão das informações, a preservação da memória, uma tomada de distanciamento que propicia a reflexão e o favorecimento da função heurística (Goody,1988).

Palavras-chave: resenha crítica; argumentação; ensino.

Teaching the critic review

The critical review presents a compositional heterogeneity, given for the diversity of linguistic types (Bronckart, 2003), between then, the argumentative, that, when worked in the high school, it allows to approach aspects of argumentative writing, contributing to the access to established forms of know-how, being based on the written modality that allows the diffusion of the information, the preservation of the memory, taking a distance that propitiates the reflection and the facilitating of the heuristic function (Goody, 1988).

Keywords: critical review; argumentation; teaching.

Considerações iniciais

É possível verificar, na docência no ensino médio, certa dificuldade por parte dos alunos em elaborar resenhas críticas com objetividade e coerência. Provavelmente isso ocorra devido a falhas na conceituação do gênero e à ausência de especificações sobre as condições de produção da resenha: o que escrever, para quê, em que suporte, para quem e, ainda, em decorrência da representação que os alunos têm de si próprios como autores. Observa-se, no ambiente escolar, o hábito de professores e alunos buscarem apoio nas "definições" de resenhas presentes em obras paradidáticas, tentando cumprir a tarefa de ensinar e de produzir resenhas, com resultado geralmente insatisfatório, pois o processo se dá apenas mecanicamente. Por outro lado, temos certa "popularização" do gênero, que vem sendo ensinado nas mais tenras idades escolares, como confirma a matéria publicada na revista *Nova Escola* (março de 2007, p. 88-89): "Pode ler. Eu já li e gostei", que descreve a experiência de trabalhar resenhas literárias com crianças na pré-escola (de forma oral), com a justificativa de que essas resenhas ajudam a formar leitores e escritores atentos e críticos; apresentam um gênero textual e ensinam a socializar os livros prediletos.

Atualmente, embora haja publicações específicas sobre o gênero **resenha** que cumprem o papel de caracterizá-las como gênero discursivo, indicando propostas operacionais para encaminhar sua produção, paralelamente, percebe-se que falta explicitar com maiores detalhes como analisar, sintetizar, inferir, argumentar e chegar a conclusões válidas sobre o texto resenhado, ou seja, falta trabalhar o aspecto da reflexão crítica que, necessariamente, antecede a redação da resenha propriamente dita.

Conhecer esse gênero não é condição suficiente para produzir resenhas críticas eficientes, conquanto seja parte importante. Necessário se faz, também, apresentar noções sobre o funcionamento do discurso argumentativo inserido no gênero, em sua porção de fato crítica. Embora pareça redundante nomear o gênero de resenha crítica, o que se busca aqui é precisamente enfatizar o exercício crítico inserido no gênero, o qual surge por vezes diluído, notadamente em resenhas enfaticamente elogiosas, como, por exemplo, as publicadas em alguns suportes como encartes/ embalagens de filmes em locadoras, cujo objetivo é o de favorecer a escolha desses filmes, destacando apenas suas qualidades. Esse tipo de resenha não é exatamente crítico, é um texto a meio caminho entre a peça promocional publicitária e a resenha. Esta "variação", em papel ou via internet, reaparece em textos de divulgação de obras e se autonomeia "resenha". No trabalho aqui apresentado, um recorte adaptado da tese de doutorado da mesma autora (FABRINO, A.M.J. O lugar dos lugares: a escrita argumentativa na universidade, 2008. 239 f. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Materna - Faculdade de Filosofia, Letras e ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008), o gênero é nomeado **resenha crítica** por destacar o papel do discurso argumentativo inserido na resenha, o que a faz, de fato, crítica.

A resenha crítica é vista, aqui, como um exercício feito em sala de aula de ensino médio como parte dos estudos dos gêneros de texto e sua produção. Inserida no contexto da escrita argumentativa, a resenha crítica justifica sua prática no ambiente escolar. Ela pode ser empregada como instrumento auxiliar na obtenção de nota nos processos de avaliações, como organizadora de um banco de referências bibliográficas para os alunos, como introdução à escrita argumentativa exigida nos moldes das redações de vestibular ("dissertação argumentativa em prosa") e, acima de tudo, como exercício que estimula o crescimento intelectual.

O gênero na escola

Ao levantar o tipo de abordagem sobre a resenha em algumas publicações, nota-se sua presença constante em livros voltados para o ensino de "metodologia científica", nos quais ela surge como uma das possibilidades de se exercitar a crítica bibliográfica ou como alternativa para construir uma bibliografia crítica que atenda às necessidades do aluno/pesquisador. Essas obras não levam em conta o aspecto central, ou seja, não apontam as características específicas do gênero. Tampouco se questionam as condições de produção ou as marcas linguísticas e estilísticas específicas que inserem a resenha crítica entre os gêneros argumentativos. Não se explora a alternância das vozes discursivas (opiniões) presentes no texto: a do autor do texto resenhado; a do resenhista, comentando a obra resenhada; e a do mesmo resenhista, quando se dirige diretamente ao leitor da resenha, buscando captar sua simpatia e interesse. A possibilidade da polifonia no processo de confecção de resenhas não é abordada nas obras generalistas sobre o assunto, mas o é nas específicas.

Segundo Bakhtin (2003), pode-se inserir o gênero resenha crítica entre os gêneros discursivos secundários. Ela se constitui como tal em uma situação em que se define sua função ou uso social. No caso aqui exposto, trata-se da resenha crítica como exercício escolar, trabalhada como auxiliar em várias situações: 1):no processo de compreensão da leitura de textos diversos, 2):na reflexão advinda dessa leitura e 3):na sistematização dessas atividades descritas em resenhas críticas elaboradas dentro do ambiente escolar:

> Os gêneros discursivos secundários (complexos - romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) - artístico, científico, sociopolítico, etc. (BAKHTIN, 2003, p. 263).

Encontramos a resenha em um ambiente complexo, desenvolvido e organizado, o escolar, no qual ela cumpre a função de auxiliar no processo de ensino/aprendizagem da escrita argumentativa.

Além das abordagens clássicas e sucintas encontradas nos livros didáticos voltados ao ensino médio, para complementar o tratamento "didático' daso às resenhas, temos alguns exemplos de abordagens advindas de obras sobre "metodologia científica", cuja maioria enfatiza a relevância de se produzir resenhas, que concilia a leitura e a escrita de comentários críticos, mas não oferece pistas de como pode ser feito esse exercício crítico, como Parra Filho (1998, p. 67), que aponta algumas qualidades e preocupações próprias ao resenhista, como a leitura crítica e aprofundada da obra. Sugere que na resenha deva constar, além da referência bibliográfica, as qualificações do autor e a apresentação descritiva do conteúdo da obra. Antônio Severino (1986, p.181), em conhecido manual, fala sobre resenha bibliográfica e admite que as resenhas que "tecem comentários críticos e interpretativos, discutindo, comparando, avaliando, são muito mais úteis do que as meramente informativas". Marconi e Lakatos (2001, p.90-97) apresentam um panorama normativo completo sobre a resenha crítica, cujos requisitos básicos são o conhecimento completo da obra, a competência na matéria, a capacidade de juízo de valor, a independência de juízo, correção e urbanidade, a fidelidade ao pensamento do autor. Ela deve responder a uma série de questões, entre elas o assunto, o conhecimento anterior, os juízos. Deve ser acessível, interessante, agradável e útil.

As autoras Marconi e Lakatos delineiam a estrutura da resenha crítica: referência bibliográfica, credenciais do autor, campo de conhecimento, conclusão do autor da resenha, quadro de referências do autor. Também é preciso haver uma apreciação indicando julgamento e mérito da obra, comentário sobre estilo, forma e público-alvo. Sugerem um modelo de resenha que contará com as informações sobre a obra (autor, título, local de publicação, editora, ano, número de páginas, ilustrações, preço), sobre o autor (nacionalidade, formação, títulos, cargos, outras obras), sobre as conclusões do resenhista, o digesto (resumo das principais idéias expressas pelo autor), a metodologia e quadro de referências do autor - corrente de pensamento a que se filia, modelo teórico -, quadro de referência do resenhista (sua formação científica), avaliação do resenhista (op. cit., p. 93):

> a) julgamento da obra do ponto de vista metodológico:
> - coerência entre a posição central e a explicação, discussão e demonstração
> - adequado emprego dos métodos e técnicas específicas

> b) mérito da obra:
> - originalidade
> - contribuição para o desenvolvimento da ciência, quer por apresentar novas idéias e/ou resultados, quer por utilizar abordagem diferente

> c) estilo empregado.

Há também indicações do resenhista (a qual leitor a obra é dirigida, para qual disciplina é útil, em qual tipo de curso pode ser adotada). Em seguida, Marconi e Lakatos apresentam um exemplo de resenha na qual a crítica do resenhista vem na forma de descrição das qualidades da obra, da justificativa de suas qualidades e da validade de indicá-la.

Quanto aos livros que frequentam as bibliografias específicas dos livros didáticos, temos o de Platão e Fiorin (1995), que abordam rapidamente o assunto resenha, (p. 426-427), destacando que

> A resenha pode ser puramente *descritiva,* isto é, sem nenhum julgamento ou apreciação do resenhador, ou *crítica,* pontuada de apreciações, notas e

> correlações estabelecidas pelo juízo crítico de quem a elaborou. (...) Na resenha crítica, além dos elementos já mencionados, entram também comentários e julgamentos do resenhador sobre as idéias do autor, o valor da obra, etc.

Outro livro bastante recorrente é o de Vanoye (1987) que também distingue a resenha descritiva (p.75) da resenha crítica, expondo que:

> A resenha crítica abarca as reações e opiniões do destinador a respeito do assunto de sua mensagem. Não é suficiente descrever; é preciso julgar. Mas é necessário distinguir graus de subjetividade ao julgamento. Certos julgamentos são inteiramente pessoais e só exprimem o sentimento de seu autor (julgamentos do tipo "eu gosto ou eu não gosto", emitidos em nome dos gostos pessoais do crítico). Outros julgamentos ou críticas podem ser feitos relativamente a um certo número de elementos "objetivos": assim é que se condenará a condução inadequada de uma reunião em nome das suas regras de conduta, culpar-se-á a técnica falha de um filme em nome das regras de técnica cinematográfica, etc.
>
> Não é preciso dizer que o julgamento puramente subjetivo tem apenas um valor limitado e só é eficaz na medida em que os leitores têm uma certa afinidade com os autores ou uma opinião semelhante à deles.
>
> De maneira geral, um julgamento (ou juízo), ainda que expresso de modo pessoal, deve ser apoiado em argumentos sólidos (VANOYE, 1987, p. 93).

Como exercício metalingüístico, apresentamos uma resenha crítica do mais completo "manual" voltado especificamente para o gênero resenha (MACHADO et alii, 2004, p. 30), cujas autoras optam por trabalhar com um bom repertório de exemplos de resenhas e "exercícios" nos quais pontuam os aspectos imprescindíveis para que um texto pertença ao gênero resenha: deve constar o autor da resenha, sua função social, a imagem que o autor tem de seu destinatário, tema/objeto da resenha, local ou veículo onde o texto possivelmente circulará, momento da produção da resenha, objetivo(s) do autor do texto.

Num certo momento (op. cit., p. 53), há a sugestão de recursos linguísticos que poderão atenuar as críticas lançadas, como expressões de polidez e verbos no modo subjuntivo. Para trabalhar os aspectos argumentativos, as autoras sugerem que se faça um levantamento das informações contidas na obra lida, das contribuições que o texto traz para o aprendizado, para a produção de textos, para a futura profissão, para a vida pessoal; aparece o levantamento das opiniões, concordando ou discordando do autor do texto, pinçando dúvidas, pedindo exemplos - esses passos irão compor um outro gênero, o "diário de leitura" (op. cit., p. 63-68), apoio intermediário para a compreensão do texto e a posterior produção de uma resenha ou de outros tipos de textos.

No final, há uma proposta de avaliação, com perguntas versando sobre a adequação do texto ao gênero resenha, ao destinatário, à imagem de si no discurso, às informações relevantes contidas no texto resenhado e repetidas na resenha, aos aspectos estruturais do texto (autor, linguagem, organização, mecanismos lingüísticos), escolha dos organizadores textuais, grau de polimento, uso de adjetivos e substantivos para expressar opinião, uso dos verbos e emprego de pontuação, sintaxe, ortografia etc.

Este é um exemplo de livro paradidático que atinge seus objetivos: apresenta o gênero de forma ilustrativa; sua proposta fica próxima da definição clássica de resenha: resumo comentado. As questões são objetivas, as reflexões são teoricamente bem fundamentadas e os exemplos são claros e atuais.

Nota-se apenas uma ausência: faltou trabalhar os aspectos argumentativos, expondo como se compõem juízos apreciativos, instrumentos para justificar com convicção as escolhas axiológicas.

Atendendo à demanda por informações mais precisas sobre o gênero resenha, temos a obra de ANDRADE (2006) a qual, de maneira menos sequencial que a escolhida por MACHADO et alii (2004), expõe o conceito do gênero considerando as condições de produção:

> 2 As resenhas em diferentes gêneros midiáticos e suas condições de produção
>
> Os jornais diários (*Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo, Jornal do Brasil*, entre outros) e as revistas semanais (*Veja, Época, Istoé*) contêm seções especificas para apresentar comentários de filmes, peças teatrais, DVDs e Cds que são lançados ou mesmo os que fazem mais sucesso, e também apresentam os livros mais vendidos. Esses textos podem ser considerados resenhas, de acordo com nossa definição, entretanto podem ser publicados com outro nome ou sem nome especifico, ou apenas com o nome da referida seção: Livros, Cinema, Crítica, Teatro (ANDRADE, 2006, p.15).

Em seguida, a autora apresenta exemplos extraídos dos jornais e revistas citados. O mesmo parâmetro foi empregado, como preparação para este trabalho, no momento da aplicação oferecida recentemente aos alunos do ensino médio: foram apresentados exemplos de resenhas críticas extraídos de jornais e revistas como ilustração do gênero. Em seguida, foi apresentada uma "conceituação" de resenha crítica, baseada nas diversas obras que trabalham com o gênero, na forma de síntese dos enunciados recorrentes, mais a questão da polifonia e da necessidade de haver uma compreensão global do texto a ser resenhado, em uma abordagem inspirada em princípios da Análise do Discurso.

Resenha crítica: definição, características, estrutura e apresentação

Ao trabalhar com o ensino do gênero resenha crítica, fez-se necessário pinçar alguns de seus aspectos ontológicos para favorecer seu reconhecimento pelos alunos e, a partir disso, permitir que eles produzissem suas próprias resenhas.

I. Definição de resenha crítica:

A resenha crítica pode ser conceituada como um texto cujo objetivo é apresentar um outro texto (livro, filme, peça teatral, espetáculo, exposição, evento), desconhecido do leitor, de forma crítica. Essa apresentação deve oferecer, além de uma exposição do tema ou dos assuntos tratados, o maior número possível de informações sobre o texto, conforme os limites do espaço reservado à resenha. Há, principalmente, uma apreciação crítica sobre o texto resenhado. Além de expor e descrever, a resenha deve criticar, isto é, apresentar uma análise ou julgamento sobre o texto resenhado, apoiado em uma argumentação convincente. Ela não é uma mera citação de um texto, é um texto e não, um resumo, é uma construção original e não, uma simples redução do texto-fonte.

II. Características:

A resenha crítica é um texto argumentativo, composto em função de um julgamento crítico, estruturado em função desse julgamento, o qual deve ser reforçado na conclusão.

Alguns dados são imprescindíveis em uma resenha crítica:

1. Devem-se oferecer informações básicas sobre o texto resenhado: nome do autor, nome do texto, local e data da publicação.
2. A apreciação do resenhista pode ocorrer por meio de comentários, que se aproximam da estrutura do silogismo clássico (com premissas e conclusão) e emprego de argumentos de autoridade.

3. É necessário apresentar evidências (provas), que justifiquem essa apreciação: dados estatísticos, exemplos, fatos, relatos, testemunhos, citações.
4. É aconselhável adotar uma atitude rigorosa, assim, o resenhista deve evitar as falácias [ignorância do assunto, contradição (falta de coerência), generalização, petição de princípio (provar o que já está provado), equívoco, falsa causa, força, ofensa, falsa analogia, falta de coesão...], pois elas invalidam o argumento. Para isso, é preciso usar palavras precisas e escrever com clareza, de acordo com o padrão culto da língua.
5. O emprego de recursos retóricos-argumentativos é bastante produtivo para se obter a persuasão. Alguns deles são: presença de implícitos; ironia; humor; juízos que despertam paixões, como os relacionados a sentimentos, ideologia, valores éticos e morais, cultura, economia, psicologia, estética, sociedade; refutação e estratégias de negociação, como a concessão e a cortesia.
6. Os comentários devem ser pertinentes, abordando qual seria a contribuição da obra, se há presença de idéias originais ou criativas; se há a apresentação de novos conhecimentos.
7. A linguagem deve ser objetiva, coerente, clara, com emprego de escolhas lexicais adequadas, principalmente as que guardam valor argumentativo, como os adjetivos, os conectivos e os modalizadores. Deve-se atentar para o tempo verbal no presente.

III. Estrutura da resenha:

a) Introdução

Os componentes essenciais de uma introdução são: apresentação da obra, destaque para o tema, anúncio do julgamento do resenhista. Seus defeitos consistem em não apresentar adequadamente a obra resenhada; lançar as opiniões que fundamentam o julgamento de forma dicotômica – considerando-se "bom ou ruim", sem uma dinâmica argumentativa; ser longa demais em relação ao tamanho total do trabalho; apresentar os julgamentos em desacordo com as idéias desenvolvidas ao longo da resenha; restringir-se à formulação vaga do julgamento sem abordar o cerne da questão discutida pela obra resenhada.

b) Desenvolvimento

O corpo da resenha deve conter argumentos ou julgamentos relacionados ao tema abordado e devem fazer menção à obra resenhada. A argumentação deve seguir um plano progressivo, que parte de um julgamento, que oferece uma discussão e desencadeia uma argumentação que oferece respostas à discussão. Os julgamentos devem estar bem conectados e reforçados em uma conclusão, articulada ao conjunto do trabalho. Esses aspectos podem ser ilustrados no quadro abaixo:

Problemas a resolver	*Erros a evitar*
Escolher os julgamentos em função do tema abordado pela obra resenhada	Julgar indiscriminadamente, sem destacar o que é pertinente em relação ao tema abordado pela obra resenhada
Elaborar os julgamentos e fazer menção à obra resenhada em função dos julgamentos	Simplesmente resumir a obra resenhada, sem oferecer julgamentos ou avaliações
Organizar um plano progressivo, em função do julgamento proposto: o julgamento oferece uma discussão a discussão é objeto de uma argumentação	Construir um plano estanque, com resumo e opinião na conclusão, de uma forma que não permita uma progressão argumentativa

- a argumentação oferece respostas à discussão	
Articular os julgamentos com a ajuda de conexões lógicas	Ausência de conexões ou conexões inadequadas, ilógicas
Reforçar o julgamento na conclusão, de forma articulada ao conjunto do trabalho.	Apresentar o julgamento apenas na conclusão, sem estar articulado ao conjunto do texto

c) Conclusão

Os componentes essenciais de uma conclusão são a apreciação pessoal, cujas orientações possíveis passam por uma tomada de posição a favor ou contra a posição do autor da obra resenhada, recomendando ou não, o livro (espetáculo ou evento) resenhado; pelo caráter pertinente ou não da obra em relação ao conhecimento prévio do tema, à atualidade; pela abertura de uma dimensão nova, não abordada pela obra.

Defeitos que devem ser evitados na conclusão: retomar as idéias do autor, sem oferecer novos elementos de reflexão; apresentar um fragmento autônomo ou sem referência ao conjunto da resenha; confundir expressões pessoais com juízos de valor expressos de maneira muito peremptória; ter tamanho desproporcional ao conjunto – breve, longa demais.

IV. Apresentação:

O texto resenhado deve conter um título, o tamanho de no mínimo uma lauda inteira e no máximo duas laudas, ou entre 25 e 35 linhas, sendo que a introdução e a conclusão devem ocupar um quarto do texto. Os parágrafos devem estar bem articulados e desenvolvidos, evitando estilo telegráfico ou apresentação na forma de tópicos. A linguagem deve ser clara, o vocabulário simples, as frases harmoniosas e de acordo com a norma culta da língua, evitando coloquialismo.

Conclusão

Partindo das premissas lançadas acima, porém de forma mais sucinta e apropriada a alunos do primeiro ano do ensino médio, foi lançado o desafio de produzir resenhas críticas que seriam publicadas no jornal interno do colégio e o resultado foi muito positivo: os alunos puderam escolher o objeto a ser resenhado (um livro, um filme, um CD ou show, uma peça teatral). Houve grande envolvimento e um texto foi eleito para ser publicado, o qual reproduzimos a seguir (turmas de primeiro ano do ensino médio, 2011).

A experiência de trabalhar com produções textuais é geralmente gratificante e é possível exercitar os mais variados gêneros de forma mais completa e produtiva quando há um conhecimento por parte do professor mais amplo, que ultrapassa os limites do livro didático. Este trabalho busca compartilhar esse conhecimento e colaborar para que as trocas na prática docente sejam recorrentes e estimulantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, Jean-Michel. Une typologie d'inspiration bakhtininenne: penser l'heterogéneité textuelle . *ELA (Etudes de Linguistique Appliquée).* Paris, nº 83. p. 7-18, jul-set 1991.

AMOSSY, Ruth (org.) *Imagens de si no discurso.* São Paulo: Contexto, 2005, 205 p.

_____ . *L´argumentation dans le discours* . Paris: Armand Colin, 2006, 275 p.

BAKHTIN, Mikhail M. (2003). **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, 476 p.
BARRÉ-DE MINIAC, Christine. « Saber ler e escrever numa dada sociedade ». In CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves e BOCH, Françoise (orgs.) *Ensino de Língua: representação e letramento.* Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006, 232 p.
BOCH, Françoise. *Pratiques d'écriture et de réécriture à l'université – la prise de notes, entre texte source et texte cible.* Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 1998, 223 p.
BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino fundamental 3º e 4º ciclos: Língua Portuguesa.* Brasília, DF: Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo.* São Paulo; EDUC, 2003, 353 p.
DABÈNE, Michel. *L'adulte et l'écriture – contribution à une didactique de l'écrit em langue maternelle.* Bruxelles: De Boeck-Wesmael, 1987, 438 p., vol. I.
_____ . (1991). Un modèle didactique de la compétence scriputurale. *Repères***,** nº 4**,** p.9-22, set 1991.
DOLZ, Joaquim, SCHNEUWLY, Bernard. e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola.* Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, 277p.
GOODY, Jack. *La raison graphique – la domestication de la pensée sauvage.* Paris : Minuit (original 1977), 1979, 235 p.
_____ . *Domesticação do pensamento selvagem.* Lisboa: Editorial Presença, 1988, 249p.
GROSSMANN, Francis (org.). *Pratiques langagières et didactiques de l'écrit* **-** Hommage à Michel Dabène. Grenoble : IVEL- LIDILEM, 1998.
SCHNEUWLY, Bernard. La conception vygotskyenne du langage écrit. *ELA(Etudes de Linguistique Appliquée),* Paris, nº 73, p. 107 – 117, janvier-mars 1989.
THYRION, Francine. *L´écrit argumenté.* Questions d'apprentissage. Série Pédagogique de l'Institut de Linguistique de Louvain, 1997, 285 p.
_____ . Argumenter par écrit: quelle didactique*? Diptyque 5* **–** Didactique de l´écrit – la construction des savoirs et le sujet-écrivant. Actes de la journée d´étude du 13 mai 2005. CORAL, Université d´Orleans, IUFM d´Orleans-Tours (France). Presses Universitaires de Namur (Belgique), 2006, p. 55-80.
VYGOTSKY, Lev S. *Pensamento e linguagem.* São Paulo: Martins Fontes, 1987, 135p.

JORNAL Santa Clara

Resenha crítica

Alisson Longhi, Angela Savitiski, Artur de Freitas Mafud, Gabriela de Almeida Matias, Isabel Torres Frozoni e Octávio Pereira Lopes de Sousa (1°A)

Death Note - ação viciante sem ação

Death Note é um mangá que, embora seja totalmente diferente dos seus concorrentes, consegue, sem ação frenética e física, fisgar qualquer leitor e viciá-lo até o final da história.

Criado pelo roteirista Tsugami Ohba e desenhado por Takeshi Obata em 2003, Death Note fez enorme sucesso e logo obteve, em 2005, sua versão em anime. No Brasil, o mangá é publicado pela editora JBC e o anime dublado é exibido no canal pago Sony Spin (antigo Animax). A série está finalizada, contendo 12 volumes e um anime de 37 episódios.

Tudo começa quando Light Yagami, o estudante mais genial de todo o Japão, pega, após a aula, no chão do pátio, um caderno onde está escrito "Death Note" (caderno da morte, em inglês). Dentro, há instruções que explicam que a pessoa que tiver o nome escrito no caderno morrerá. Light não acredita, mas acaba levando o caderno consigo por curiosidade. Assistindo à TV, ele vê a noticia de um bandido que mantém crianças reféns. Light, por brincadeira, escreve o nome do homem e, sem acreditar, vê os repórteres darem a notícia de que o homem morreu subitamente. O estudante resolve, então, livrar o mundo dos criminosos e ser o Deus de um mundo ideal. Eis que entra em ação L, o melhor detetive do mundo, que promete pegar o apelidado Kira (leitura japonesa da palavra inglesa "killer" - assassino). Começa, então, o maior thriller policial: Light tentando descobrir e matar L e este tentando prender Kira.

O mangá é totalmente o inverso dos "padrões" da revista Shonen Jump, a maior do Japão e do mundo, comparando-se aos outros três grandes sucessos atuais em terras nipônicas: Naruto, Bleach e One Piece. Com um pouco de realismo fantástico, subverte totalmente tudo aquilo já publicado na Jump, títulos altamente fantasiosos, de heróis superpoderosos e histórias intermináveis.



A história, cheia de diálogos e sem muita ação, dá ao leitor a ideia de uma obra monótona e chata, mas, ao ler, o roteiro se adapta muito bem aos desenhos e a história é extremamente viciante e cheia de ação psicológica, descrevendo cada plano de Light e de L.

Todo fã já começa, sem perceber, a filosofar sobre a história. Quem é do bem e quem é do mal? Ou, como disse Ohba em uma entrevista, "Quem é o certo e quem é o errado?". Light tem uma ótima ideia de um mundo utópico, que começa a se tomar realidade, mas, para isso, ele mata as pessoas. Os criminosos devem ser mortos ou há chances de corrigi-los? As intensas discussões e perguntas fizeram os autores declararem que só fizeram uma obra que deu certo e a filosofia sobre ela já é algo muito avançado.

Death Note entretém e vicia qualquer um. É, com certeza, um dos melhores mangás/animes já feitos, sem necessitar de muito para isso. E aí, você está do lado de quem?